

Sophia de Mello
Breyner Andresen




ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CONCESSÃO DE HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN | 2 - JULHO - 2014



CONCESSÃO DE HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL
A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
2 - JULHO - 2014

Fragmento do filme *Sophia*
1969
João César Monteiro

Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar.

Inscrição

Sophia na casa da Travessa das Mónicas (Lisboa)
1964
Eduardo Gageiro



Índice

BIOGRAFIA
7

CONSTITUINTE
11


HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL
A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
14

CERIMÓNIA DE CONCESSÃO DE HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL
A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
17

POEMAS
23

Sophia na casa da Travessa das Mónicas (Lisboa)
1964
Eduardo Gageiro



A close-up, black and white photograph of a hand holding a pen, writing the word "Sophia" on a white surface. The hand is positioned in the center-left of the frame, and the pen is held in a tripod grip. The word "Sophia" is written in a cursive, handwritten style. The background is a plain, light-colored surface, possibly a piece of paper or a wall. The lighting is soft, creating a slight shadow of the hand and the pen on the surface.

Sophia

BIOGRAFIA

Fragmento do filme *Sophia*
1969
João César Monteiro

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

1919-2004

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto, a 6 de novembro de 1919. As suas raízes dinamarquesas remontam ao bisavô paterno, Jan Heinrich Andresen, que partira da Dinamarca em direção à América a bordo de um pequeno navio, mas decidiu começar uma vida nova na cidade do Porto, tendo sido muito bem-sucedido. Em 1895, o filho João Henrique adquiriu a Quinta do Campo Alegre. Foi nesta quinta – atual Jardim Botânico do Porto – e na praia da Granja – onde passava as férias de verão – que a futura escritora viveu a infância e a juventude e onde terá recebido influências decisivas para a sua obra.

Quando falamos de Sophia, pensamos de imediato numa das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Entre 1944 e 1997, publicou catorze livros de poesia, nos quais privilegiou temas como a Natureza – com destaque para o mar, a sua beleza e os seus mitos –, a procura da justiça, a civilização grega, a importância da poesia, entre outros. Mas a autora dedicou-se também à prosa. Na sequência do casamento com o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares, em 1946, foi mãe de cinco filhos, para quem começou a escrever contos infantis. Além da literatura infantil, Sophia escreveu obras narrativas e também peças de teatro.

Em termos cívicos, a escritora caracterizou-se por uma atitude interventiva, tendo denunciado ativamente o regime salazarista e os seus seguidores. Apoiou a candidatura do general Humberto Delgado e subscreveu o Manifesto dos 101, contra a guerra colonial e o apoio da Igreja Católica à política de Salazar. Foi ainda fundadora e membro da Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos. Após o 25 de Abril, foi eleita para a Assembleia Constituinte, em 1975, pelo círculo do Porto, numa lista do Partido Socialista. Foi também público o seu apoio à independência de Timor-Leste, consagrada em 2002.

Em 1999, Sophia foi a primeira mulher portuguesa a receber o Prémio Camões. Recebeu ainda o Prémio Max Jacob (2001) e o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana (2003), entre outros.

Faleceu aos 84 anos, no dia 2 de julho de 2004.

(...)

In *Sophia de Mello Breyner Andresen. Actas do Colóquio Internacional*, org. Maria Andresen Sousa Tavares, Centro Nacional de Cultura. Porto Editora, 2013.

poesia

POESIA, 1.ª ed., 1944, Coimbra, Edição da Autora.

DIA DO MAR, 1.ª ed., 1947, Lisboa, Edições Ática.

CORAL, 1.ª ed., 1950, Porto, Livraria Simões Lopes.

NO TEMPO DIVIDIDO, 1.ª ed., 1954, Lisboa, Guimarães Editores.

MAR NOVO, 1.ª ed., 1958, Lisboa, Guimarães Editores.

O CRISTO CIGANO, 1.ª ed., *O Cristo Cigano ou A Lenda do Cristo Cachorro*, 1961, Lisboa, Minotauro, ilustrações de Júlio Pomar.

LIVRO SEXTO, 1.ª ed., 1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora.

GEOGRAFIA, 1.ª ed., 1967, Lisboa, Edições Ática.

ANTOLOGIA, 1.ª ed., 1968, Lisboa, Portugália Editora.

GRADES [Antologia de Poemas de Resistência], 1970, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

11 POEMAS, 1971, Lisboa, Movimento.

DUAL, 1.ª ed., 1972, Lisboa, Moraes Editores.

O NOME DAS COISAS, 1.ª ed., 1977, Lisboa, Moraes Editores.

POEMAS ESCOLHIDOS, 1981, Lisboa, Círculo de Leitores.

NAVEGAÇÕES, 1.ª ed., versão inglesa de Ruth Fainlight, versão francesa de Joaquim Vital, 1983, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, «Musarum officia», com um disco gravado pela autora.

O SOL O MURO O MAR, 1984, Lisboa. Portfólio com seis fotografias de Eduardo Gageiro. (Incluído em *Ilhas*.)

ILHAS, 1.ª ed., 1989, Lisboa, Texto Editora, ilustração de Xavier Sousa Tavares.

OBRA POÉTICA I, 1.ª ed., 1990, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRA POÉTICA II, 1.ª ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRA POÉTICA III, 1.ª ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho.

SINGRADURAS, 1991, Lisboa, Galeria 111, com seis gravuras de David de Almeida. (Poema VI de «As Ilhas», incluído em *Navegações*.)

OBRA POÉTICA I e OBRA POÉTICA II, 1992, Lisboa, Círculo de Leitores.

MUSA, 1.ª ed., 1994, Lisboa, Editorial Caminho.

SIGNO (ESCOLHA DE POEMAS), 1994, Lisboa, Editorial Presença-Casa Fernando Pessoa.

ILHAS – POEMAS ESCOLHIDOS/ISLANDS – SELECTED POEMS, 1995, Lisboa, Texto Editora/Expo'98.

O BÚZIO DE CÓS E OUTROS POEMAS, 1.ª ed., 1997, Lisboa, Editorial Caminho.

MAR [Antologia organizada por Maria Andresen de Sousa Tavares], 1.ª ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho.

ORPHEU E EURYDICE, 2001, Lisboa, Galeria 111.

OBRA POÉTICA, edição de Carlos Mendes de Sousa, 2010, Lisboa, Caminho.

prosa

CONTOS EXEMPLARES, 1.ª ed., 1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora.

OS TRÊS REIS DO ORIENTE, 1.ª ed., 1965, Lisboa, Estúdios Cor.

A CASA DO MAR, 1979, Lisboa, Galeria S. Mamede, ilustrações de Maria Helena Vieira da Silva. (Incluído em *Histórias da Terra e do Mar*.)

HISTÓRIAS DA TERRA E DO MAR, 1.ª ed., 1984, Lisboa, Edições Salamandra.

ERA UMA VEZ UMA PRAIA ATLÂNTICA, 1997, Lisboa, Expo' 98.

O ANJO DE TIMOR, 2003, Marco de Canaveses, Cenateca, Associação Teatro e Cultura.

QUATRO CONTOS DISPERSOS, ed. de Maria Andresen Sousa Tavares, 2008, Porto, Figueirinhas.

contos para crianças

A MENINA DO MAR, 1.ª ed., 1958, Lisboa, Edições Ática.

A FADA ORIANA, 1.ª ed., 1958, Lisboa, Edições Ática.

A NOITE DE NATAL, 1.ª ed., 1959, Lisboa, Edições Ática.

O CAVALEIRO DA DINAMARCA, 1.ª ed., 1964, Porto, Figueirinhas.

O RAPAZ DE BRONZE, 1.ª ed., 1966, Lisboa, Minotauro.

A FLORESTA, 1.ª ed., 1968, Porto, Figueirinhas.

A ÁRVORE, 1.ª ed., 1985, Porto, Figueirinhas.

antologias organizadas pela autora

POESIA SEMPRE I (em colaboração com Alberto de Lacerda), s/d [1964], Lisboa, Livraria Sampedro Editora.

POESIA SEMPRE II, s/d [1964], Lisboa, Livraria Sampedro Editora.

PRIMEIRO LIVRO DE POESIA, 1.ª ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho.

teatro

O BOJADOR, 1.ª ed., s/d [1961], Lisboa, separata da *Escola Portuguesa*, Direção-Geral do Ensino Primário.

O COLAR, 1.ª ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho.

ensaio (seleção)

«A POESIA DE CECÍLIA MEIRELES», *Cidade Nova — Revista de Cultura*, IV Série, n.º 6, 1956.

«POESIA E REALIDADE», *Colóquio — Revista de Artes e Letras*, n.º 8, 1960.

«CAMINHOS DA DIVINA COMÉDIA», *Diário de Lisboa*, 13 de maio e 1 de julho de 1965; republicado em *Ler — Livros Et Leitores*, n.º 58, Primavera de 2003, ilustrações de Tiago Manuel.

O NU NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA, 1.ª ed., 1975, in *O Nu e a Arte*, Lisboa, Estúdios Cor.

traduções

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO (Émile Mireaux), 1.ª ed., s/d [c.1957], Lisboa, Livros do Brasil.

A ANUNCIAÇÃO A MARIA (Paul Claudel), s/d [1960], Lisboa, Editorial Aster.

O PURGATÓRIO (Dante), 1.ª ed., 1962, Lisboa, Minotauro.

QUATRE POÈTES PORTUGAIS — CAMÕES, CESÁRIO VERDE, MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, FERNANDO PESSOA, 1.ª ed., 1970, Paris, Presses Universitaires de France e Fundação Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais.

SER FELIZ (Leif Kristiansson), 1.ª ed., 1973, Lisboa, Editorial Presença.

UM AMIGO (Leif Kristiansson), 1.ª ed., 1973, Lisboa, Editorial Presença.

HAMLET (W. Shakespeare), 1987, Porto, Lello & Irmão Editores.

MEDEIA (Eurípides), 2006, Lisboa, Editorial Caminho.

prémios (seleção)

1981 Grau de Grã Oficial da Ordem de Sant'iago da Espada

198- Prémio da Crítica, do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, pelo conjunto da sua obra

198- Grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique

1990 Grande Prémio de Poesia Inasset / Inapa

1992 Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças

199- Prémio cinquenta anos de Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores

1995 Placa de Honra do Prémio Francesco Petrarca, Pádua, Itália

1998 Grã-cruz da Ordem de Sant'iago da Espada

1999 Prémio Camões (primeira mulher portuguesa a recebê-lo)

2001 Prémio Max Jacob Étranger

2003 Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana

fonte: <http://purl.pt/19841/1/index.html> (Biblioteca Nacional de Portugal)

Deputados do PS e do PSD na Assembleia Constituinte
(Sophia ao centro)
1975

Inácio Ludgero



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

REGISTO BIOGRÁFICO DOS SENHORES DEPUTADOS

1975 - 1976



NOME: SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN DE SOUSA TAVARES P.S.
 RESIDÊNCIA: Trav. das Mónicas 57, 1.ª A - Lisboa J 100 TELEF.: 864173
 TELEF.: 325956
 FILIAÇÃO: Maria Amélia de Mello Breyner Andresen, João Henriques Andresen
 NATURALIDADE: Lordelo de Curz - Porto ESTADO: onçada
 DATA DO NASCIMENTO: 6 de Novembro DE 1919 BILHETE DE IDENT. Nº 748128
 / / ARQUIVO: Porto DE 8 / 4 / 71
 PROFISSÃO: Escritora
 INSCRIÇÕES LITERÁRIAS: 1.º ano incompleto da Filologia clássica da Faculdade de Letras de Lisboa
 FUNÇÕES PÚBLICAS, POLÍTICAS OU PARTICULARES QUE DESEMPENHOU:
 FUNÇÕES PÚBLICAS, POLÍTICAS OU PARTICULARES DESEMPENHADAS:
 TÍTULOS LITERÁRIOS E CIENTÍFICOS QUE POSSUI:
 CONDIÇÕES E HONRARIAS QUE POSSUI: Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, Medalha atribuída pelo Governo Italiano pela tradução do Purgatório de Dante
 OBRAS PUBLICADAS: Livros de Poesia 6 - Contos Exemplares, Livros Infantis - Ensaísta dispersos em várias publicações - Traducões de Shakspeare e Dante
 CARGOS DESEMPENHADOS NESTA LEGISLATURA:

REQUERIMENTOS APRESENTADOS (Vide Diários das Sessões, número): 38
 ADMISSÕES DE QUE FEZ PARTE:
 ELEIÇÃO REALIZADA EM 25 DE Abril DE 1975 - de iniciativa com o Decreto nº 141-A DE 19 de Março DE 1975
 ELEITO POR 356377 VOTOS, PERLO CÍRCULO Nº - Porto
 DATA DA PROCLAMAÇÃO: 3 DE Junho DE 1975
 OCORRÊNCIAS: Representante do Partido Socialista
 TOMEADO DURANTE O INVIATO PARA EXERCER O CARGO DE:
 VERIFICOU O VOTO EM DE DE 1975 POR

Qualquer pessoa que tenha um mínimo de consciência cultural sabe que a cultura é uma das formas de libertação do homem. E que, por isso, perante a política, a cultura deve sempre ter a possibilidade de funcionar com o antipoder.

E se é evidente que o Estado deve à cultura o apoio que deve à identidade de um povo, esse apoio deve ser equacionado de forma a defender a autonomia e a liberdade de cultura para que nunca a ação do Estado se transforme em dirigismo.

Não podemos esquecer que a História tem demonstrado que existe uma profunda solidariedade entre a liberdade de um povo e a liberdade da sua cultura.

Sophia de Mello Breyner Andresen
 Diário da Assembleia Constituinte
 2 de agosto de 1975



Honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen

Grande poeta, cidadã exemplar, portuguesa ilustre, europeia consciente, Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma das grandes figuras do nosso tempo. Na sua vida e na sua obra, há uma grandeza de ideais, de valores e de qualidades em que o país se reconhece e em que a democracia se revê.

HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Grande poeta, cidadã exemplar, portuguesa ilustre, europeia consciente, Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma das grandes figuras do nosso tempo. Na sua vida e na sua obra, há uma grandeza de ideais, de valores e de qualidades em que o país se reconhece e em que a democracia se revê.

Sophia mostrou como a mais alta poesia supõe e propõe a mais rigorosa ética e a mais exigente política. Por isso, muitos dos seus poemas denunciaram e combateram a tirania. Por isso também, e como disse Eugénio de Andrade, escreveu "os mais notáveis poemas da Revolução de Abril". O poema "25 de Abril", na sua concisão límpida, clara e lapidar, tornou-se uma inscrição do nosso regime democrático, tantas vezes citado na Assembleia da República.

Desde muito jovem, logo na primeira obra ("Poesia"), Sophia anunciou-se como grande poeta. Em cada livro seguinte, essa promessa foi-se confirmando, intensificando, magnificando. O longo caminho que vai do primeiro ao último poema é atravessado por um sopro cósmico, uma consciência do mundo, uma exatidão verbal, uma pureza de dicção, uma essencialidade vital, uma autenticidade pessoal, uma sabedoria visionária, uma inteireza moral.

Na sua poesia, o tempo mais antigo encontra o tempo mais novo ("Na antiquíssima juventude do dia"), o esplendor do mundo não desconhece o sofrimento dos homens, o desejo de perfeição prolonga a vontade de verdade. Aí, estão os grandes temas e motivos que fizeram a nossa civilização e a nossa cultura: o caos e o cosmos, a natureza e a cultura, a liberdade e a justiça, os deuses e Deus, o amor e a morte, a viagem e a guerra, a terra e o mar, o apolíneo e o dionisiaco, a continuidade e a transformação, os mitos e as memórias, as figuras e os feitos.

Para Sophia, a poesia é revelação da dignidade do ser, louvor e aprofundamento da vida, edificação do humano. É relação com o universo, atenção ao mundo, fidelidade ao real, amor do concreto, comunhão com os homens, construção da cidade futura. Poesia política, no mais nobre sentido da palavra grega. Daí, a sua atualidade renovada, a sua força intacta, a sua beleza viva, a sua mensagem perene.

Sophia tornou a sua vida irmã da sua obra ("Pela qualidade e grau de beleza da obra que construímos se saberá se sim ou não vivemos com verdade e dignidade", escreveu ela). Resistente à opressão e lutadora pela liberdade, pertenceu ao grupo dos católicos que tinham no Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes uma referência e que recusaram, como iníqua e inaceitável, a cumplicidade entre a ditadura e a religião. Nas organizações de escritores, lutou contra a censura e pela independência do pensamento e da criação literária e artística. Antes do 25 de Abril, foi presidente do Centro Nacional de Cultura e da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Escritores, duas instituições que se destacaram na resistência política e cultural à ditadura.

Foi, ainda, e na mesma altura, fundadora e presidente da Associação de Socorro aos Presos Políticos. No 25 de Abril, naqueles dias em que "a poesia está na rua", ela acreditou que ultrapassaríamos "a lei da negatividade e o desencontro do país consigo próprio". Depois, foi deputada à Assembleia Constituinte, onde a sua voz se ergueu na defesa de uma revolução fiel à veemência da vida, à transparência da democracia e à exigência da cultura. Participou em campanhas políticas e movimentos cívicos. Foi chanceler das Ordens Honoríficas Portuguesas – Ordens Nacionais. Para a autora do "Dia do Mar", a intervenção política fez-se sempre por imperativos morais e poéticos. Até ao fim, a sua voz disse as palavras da sua vida: liberdade, justiça, beleza, poesia, dignidade, esperança.

Enaltecida e saudada como uma das grandes escritoras contemporâneas por, entre muitos outros, Teixeira de Pascoaes, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Sena, Maria Helena Vieira da Silva, Arpad Szenes, Eduardo Lourenço, Júlio dos Reis Pereira, Agustina Bessa-Luis, Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny, Herberto Helder, David Mourão-Ferreira, José Escada, Manuel Alegre, José Saramago, António Ramos Rosa, Maria Velho da Costa, Óscar Lopes ou Manuel Gusmão; consagrada pelos poetas mais novos como uma referência; reconhecida e amada na comunidade de povos que falam a língua portuguesa; distinguida com as mais altas condecorações e os mais importantes prémios nacionais e internacionais (Camões, Rainha Sophia, Vida Literária, Petrarca, D. Dinis, Rosália de Castro, Max Jacob), a autora de "Navegações" engrandeceu a nossa cultura e prestigiou o nosso país. E os seus livros para crianças têm dado a sucessivas gerações o gosto da leitura, da natureza, da imaginação e da beleza ("A beleza é uma necessidade, um princípio de educação e de alegria", afirmou ela). Por isso, a sua obra continua viva, a sua memória perdura e transmite-se, o seu exemplo permanece.

Nos termos da Lei 28/2000, de 29 de Novembro, que as define e regula, "as honras de Panteão destinam-se a homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos portugueses que se distinguiram por serviços prestados ao País, no exercício de altos cargos públicos, altos serviços militares, na expansão da cultura portuguesa, na criação literária, científica e artística ou na defesa dos valores da civilização, em prol da dignidade da pessoa humana e da causa da liberdade".

Pela sua obra e pela sua vida, a autora dos "Contos Exemplares" tornou-se um símbolo de grandeza poética, inteireza moral e dignidade cívica, que honra Portugal e orgulha os portugueses. (...)

Projeto de Resolução n.º 952/XII, *Diário da Assembleia da República*, II série A, n.º 69, 19 de fevereiro de 2014, p. 54-55.

para crianças têm dado a sucessivas gerações o gosto da leitura, da natureza, da imaginação e da beleza ("A beleza é uma necessidade, um princípio de educação e de alegria", afirmou ela). Por isso, a sua obra continua viva, a sua memória perdura e transmite-se, o seu exemplo permanece.

Nos termos da Lei 28/2000, de 29 de Novembro, que as define e regula, "as honras de Panteão destinam-se a homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos portugueses que se distinguiram por serviços prestados ao País, no exercício de altos cargos públicos, altos serviços militares, na expansão da cultura portuguesa, na criação literária, científica e artística ou na defesa dos valores da civilização, em prol da dignidade da pessoa humana e da causa da liberdade".

Pela sua obra e pela sua vida, a autora dos "Contos Exemplares" tornou-se um símbolo de grandeza poética, inteireza moral e dignidade cívica, que honra Portugal e orgulha os portugueses.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

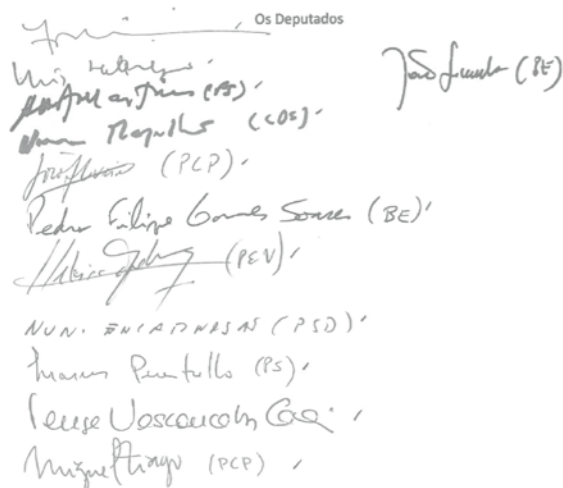
Atento o exposto,

Assinalando os dez anos da morte de Sophia de Mello Breyner Andresen e celebrando os quarenta anos do 25 de Abril, a Assembleia da República resolve, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição e do n.º 1 do artigo 3.º da Lei n.º 28/2000, de 29 de novembro:

1. Conceder honras de Panteão Nacional aos restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen, homenageando a escritora universal, a mulher digna, a cidadã corajosa, a portuguesa insigne, e evocando o seu exemplo de fidelidade aos valores da liberdade e da justiça que nos devem inspirar como comunidade e projetar como País.
2. Constituir um grupo de trabalho, composto por representantes de cada grupo parlamentar com a incumbência de determinar a data, definir e orientar o programa da trasladação, em articulação com as demais entidades públicas envolvidas.

14 de Fevereiro de 2014

Os Deputados



 José Jacinto (BE)

NUN. ENRIADNASAS (PSD)

 Inácio Penteado (PS)

 Ruije Vasconcelos (CDS)

 Miguel Trópico (PCP)

Resolução da Assembleia da República n.º 17/2014 Honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen

Assinalando os dez anos da morte de Sophia de Mello Breyner Andresen e celebrando os quarenta anos do 25 de Abril, a Assembleia da República resolve, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição e do n.º 1 do artigo 3.º da Lei n.º 28/2000, de 29 de novembro:

- 1 – Conceder honras de Panteão Nacional aos restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen, homenageando a escritora universal, a mulher digna, a cidadã corajosa, a portuguesa insigne, e evocando o seu exemplo de fidelidade aos valores da liberdade e da justiça que nos devem inspirar como comunidade e projetar como País.
- 2 – Constituir um grupo de trabalho, composto por representantes de cada grupo parlamentar com a incumbência de determinar a data, definir e orientar o programa da trasladação, em articulação com as demais entidades públicas envolvidas.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2014.
A Presidente da Assembleia da República,
Maria da Assunção A. Esteves.

CERIMÓNIA DE CONCESSÃO DE HONRAS DE PANTEÃO NACIONAL A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

CEMITÉRIO DE CARNIDE

16.30 horas

Saída dos restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen do Cemitério de Carnide para a Capela do Rato, em cortejo assim constituído:

- Viatura do Secretário-Geral da Assembleia da República
- Auto Fúnebre
- Viaturas dos Representantes da Família
- Escolta da GNR

CAPELA DO RATO

17.00 horas

A urna, contendo os restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen, é depositada na Capela, sendo ladeada por Assistentes Parlamentares da Assembleia da República em Farda de Gala, aí permanecendo durante a cerimónia religiosa.

17.15 horas

Missa celebrada pelo Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente e pelo Padre Tolentino Mendonça, com a presença da Família.

18.15 horas

Os restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen saem da Capela do Rato para o Panteão Nacional de Santa Engrácia, passando pela Assembleia da República, em cortejo assim constituído:

- Viatura do Secretário-Geral da Assembleia da República
- Armão militar
- Viaturas dos Representantes da Família
- Escolta da GNR

PANTEÃO NACIONAL

A chegada das Altas Autoridades e demais convidados far-se-á a partir das **18.30 horas** pelo Campo de Santa Clara, fazendo entrada no Adro de Santa Engrácia, pelo lado nascente:

À direita, lado norte: Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro, Presidente do Tribunal Constitucional e Presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

À esquerda, lado sul: outras Altas Autoridades, Familiares da Homenageada e demais convidados.

18.40 horas

Todas as Altas Autoridades e demais convidados ocupam os lugares que lhes estão destinados.

18.45 horas

Chegada do Primeiro-Ministro.

18.50 horas

Chegada da Presidente da Assembleia da República.

18.55 horas

Chegada do Presidente da República.

19.00 horas

Chegada dos restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen ao Panteão Nacional. O cortejo chegará ao Panteão Nacional pelo Campo de Santa Clara pela entrada nascente do Adro de Santa Engrácia.

A urna, depois de retirada do armão militar, é transportada até à esplanada fronteira do Panteão Nacional pela Guarda Nacional Republicana, em cortejo assim constituído:

- Assistentes Parlamentares;
- Representantes da Família da Homenageada;
- Diretora do Panteão Nacional e Secretário-Geral da Assembleia da República;
- Assistentes Parlamentares.

Ao longo do percurso será feita formatura em alas por sentinelas de honra por um Esquadrão da Guarda Nacional Republicana.

À chegada ao Adro de Santa Engrácia a urna segue em cortejo até ao local onde está colocada a essa, nela sendo depositada. A Guarda de Honra é prestada por elementos da Guarda Nacional Republicana.

Neste momento é interpretado o Hino Nacional pelo Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

19.10 horas

José Manuel dos Santos faz a evocação de Sophia de Mello Breyner Andresen.

19.20 horas

Dueto do “Lago dos Cisnes” pela Companhia Nacional de Bailado.

19.30 horas

A Presidente da Assembleia da República usa da palavra.

19.40 horas

Dueto de "Orpheu e Euridice" pela Companhia Nacional de Bailado.

19.45 horas

O Presidente da República usa da palavra.

19.55 horas

Leitura de poemas por Sophia de Mello Breyner Andresen (gravação de 1957).

20.00 horas

Após a leitura dos poemas, o Presidente da República, a Presidente da Assembleia da República e o Primeiro-Ministro assinam o Termo de Sepultura no Panteão Nacional.

Depois das assinaturas é interpretado "Magnificat" de Bach pelo Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Seguidamente é interpretado o Hino Nacional pelo Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

No final, a urna é transportada pela Guarda Nacional Republicana para o interior do Panteão Nacional de Santa Engrácia até à sala onde se encontra a Arca Tumular, onde ficará depositada.

Escuta-se o toque de clarim pela GNR.

Ao longo do percurso será feita formatura em alas por sentinelas de honra por um Esquadrão da Guarda Nacional Republicana.

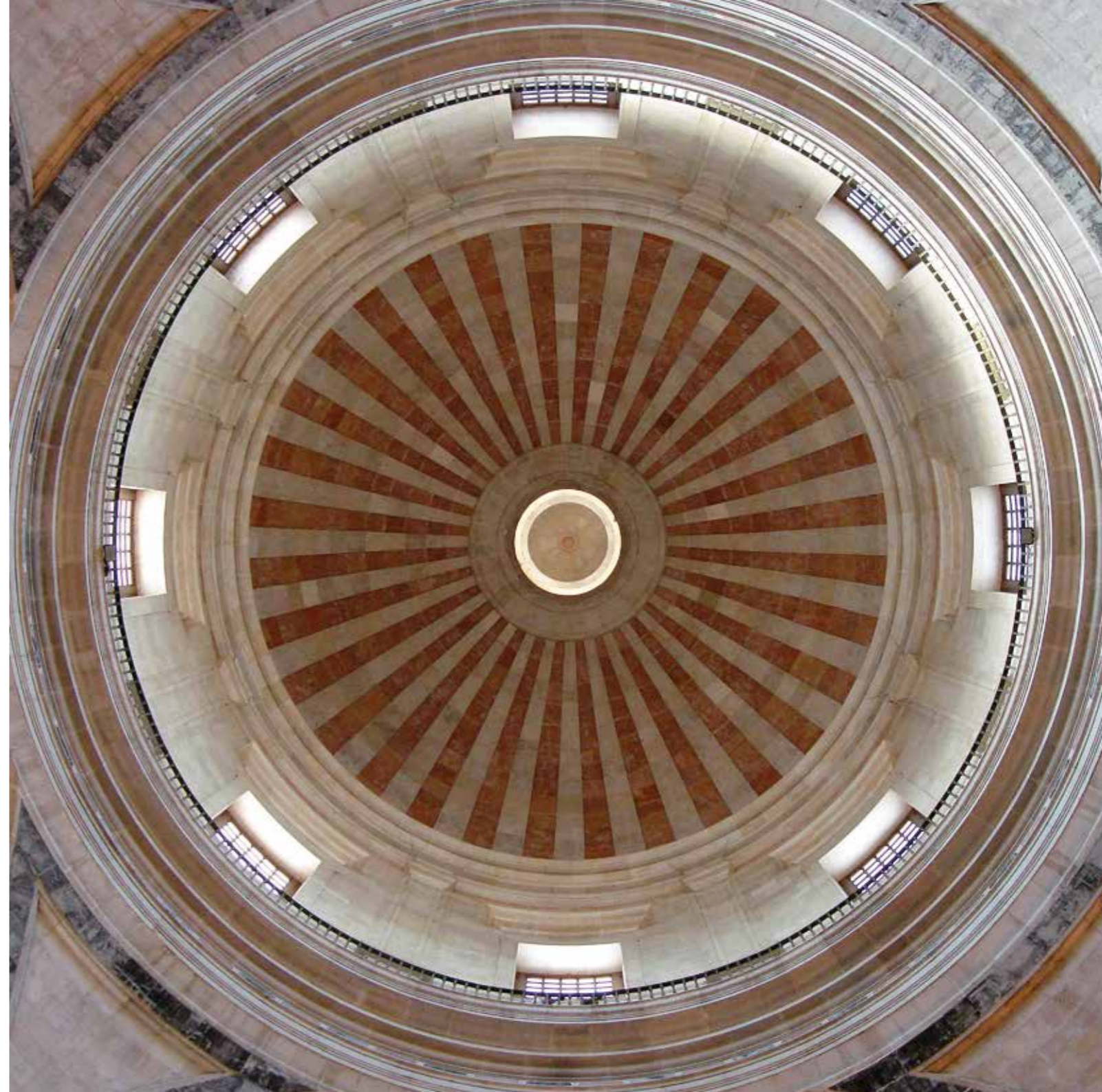
20.10 horas

O Presidente da República, a Presidente da Assembleia da República e o Primeiro-Ministro retiram-se do Panteão Nacional, em cortejo assim constituído:

- Assistentes Parlamentares;
- Chefe do Protocolo do Estado e Secretário-Geral da Assembleia da República;
- Primeiro-Ministro, Presidente da República e Presidente da Assembleia da República;
- Chefe de Gabinete do Primeiro-Ministro, Chefe da Casa Civil e Chefe de Gabinete da Presidente da Assembleia da República;
- Diretora do Gabinete de Relações Internacionais e Protocolo da Assembleia da República e Diretora do Panteão Nacional;
- Assistentes Parlamentares.

As Altas Autoridades, Familiares da Homenageada e demais convidados só deverão abandonar o Panteão Nacional de Santa Engrácia após a partida do Presidente da República, da Presidente da Assembleia da República e do Primeiro-Ministro.

Pormenor de cúpula do Panteão Nacional
2011
Nuno Timóteo





POEMAS

Fragmento do filme *Sophia*
1969
João César Monteiro



Dia

In *No Tempo Dividido*, 1954

Como um oásis branco era o meu dia
Nele secretamente eu navegava
Unicamente o vento me seguia.

Soneto à maneira de Camões

In *Coral*, 1950

Esperança e desespero de alimento
Me servem neste dia em que te espero
E já não sei se quero ou se não quero
Tão longe de razões é meu tormento.

Mas como usar amor de entendimento?
Daquilo que te peço desespero
Ainda que mo dês – pois o que eu quero
Ninguém o dá senão por um momento.

Mas como és belo, amor, de não durares,
De ser tão breve e fundo o teu engano,
E de eu te possuir sem tu te dares.

Amor perfeito dado a um ser humano:
Também morre o florir de mil pomares
E se quebram as ondas no oceano.

Sophia na casa da Travessa das Mónicas (Lisboa)
1964
Eduardo Gageiro

Assassinato de Simonetta Vespucci

In *Coral*, 1950

Homens
No perfil agudo dos quartos
Nos ângulos mortais da sombra com luz.

Vê como as espadas nascem evidentes
Sem que ninguém as erguesse – de repente.

Vê como os gestos se esculpem
Em geometrias exatas do destino.

Vê como os homens se tornam animais
E como os animais se tornam anjos
E um só irrompe e faz um lírio de si mesmo.

Vê como pairam longamente os olhos
Cheios de liquidez, cheios de mágoa
De uma mulher nos seus cabelos estrangulada.

E todo o quarto jaz abandonado
Cheio de horror e cheio de desordem.
E as portas ficam abertas,
Abertas para os caminhos
Por onde os homens fogem,
No silêncio agudo dos espaços,
Nos ângulos mortais da sombra e da luz.

Pedido

Inédito em livro

Dai-me o sol das águas azuis e das esferas
Quando o mundo está cheio de novas esculturas
E as ondas inclinando o colo
Marram como unicórnios brancos



Epidauro 62

In *Ilhas*, 1989

Oiço a voz subir os últimos degraus
Oiço a palavra alada impessoal
Que reconheço por não ser já minha

Ítaca

In *Geografia*, 1967

Quando as luzes da noite se refletirem nas águas verdes de Brindisi
Deixarás o cais confuso onde se agitam palavras passos remos e guindastes
A alegria estará em ti acesa como um fruto
Irás à proa entre os negrumes da noite
Sem nenhum vento sem nenhuma brisa só um sussurrar de búzio no silêncio
Mas pelo súbito balanço pressentirás os cabos
Quando o barco rolar na escuridão fechada
Estarás perdida no interior da noite no respirar do mar
Porque esta é a vigília de um segundo nascimento

O sol rente ao mar te acordará no intenso azul
Subirás devagar como os ressuscitados
Terás recuperado o teu selo a tua sabedoria inicial
Emergirás confirmada e reunida
Espantada e jovem como as estátuas arcaicas
Com os gestos enrolados ainda nas dobras do teu manto

Fragmento do filme *Sophia*
1969
João César Monteiro

FICHA TÉCNICA

Título
Concessão de Honras de Panteão Nacional
a Sophia de Mello Breyner Andresen

Edição
Divisão de Edições da Assembleia da República

Design
Nuno Timóteo

Impressão
Soartes

Tiragem
1000 exemplares

Depósito legal
377755/14

ISBN
978-972-556-622-0

Lisboa, junho 2014

Fotografia sobrecapa e capa:

Sophia
anos 80
Inês Gonçalves

Fragmento do filme *Sophia*
1969

João César Monteiro



Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Quando